

América Latina – onde estamos e para onde vamos

Em seminário sobre as “Novas Dimensões do Comércio Global: Fim do sistema multilateral” falei sobre os desafios para o desenvolvimento da América Latina. De início sublinhei que hoje, mais do que nunca, continua sendo difícil analisar a América Latina como um todo.

Em termos de nossa região, temos tido períodos extremamente delicados, como, por exemplo, a crise monetária que chegou a níveis hiperinflacionários em alguns países, com moratória e renegociação da dívida externa, índices econômicos e monetários deprimentes. Lembro-me bem que, em um evento internacional que participei nos anos 1980, quando falava sobre nossa inflação, havia um sentimento de decepção e ao mesmo tempo uma certa curiosidade de como conseguíamos conviver com um desgaste da moeda que atingiu níveis estratosféricos. Fui colocado num debate em Washington ao lado do representante do Zimbábue, e só se falava nos tigres asiáticos. Resignei-me a descrever-nos como um gato, mais amigável que um tigre.

Na crise de 2008, que se iniciou com a falência da Lehman Brothers, marcada como um dos trágicos momentos do capitalismo, a região havia se equilibrado e se encontrava em uma melhor situação para enfrentar a crise. Foram os benefícios do tão mal falado “Consenso de Washington”, um conjunto de regras de bom senso na gestão econômico-financeira.

Qual a situação hoje?

Em recente documento do Inter-American Dialogue, Michael Shifter indicava que nossa região não está em crise, mas parece paralisada e sem ideias!

Roberto Teixeira da Costa Um dos fundadores do CEAL – Conselho Empresarial da América Latina, e do CEBRI – Centro Brasileiro de Relações Internacionais e do Foro Iberoamerica. Faz parte do GACINT – Grupo de Análise da Conjuntura Internacional, ligado ao IRI – Instituto de Relações Internacionais da USP. Membro do Inter-American Dialogue de Washington.

36

Não sei se estou inteiramente de acordo, mas devo reconhecer que ele está certo quando afirma que carecemos de ideias. Não é novidade que nunca primamos por planejamento de médio-longo prazo. A inflação, em maior ou menor escala, criou uma mentalidade de curto prazo em nossa região, devido a um passado caracterizado principalmente pela falta de confiança em nossas moedas. As políticas adotadas eram de curtíssimo prazo e de sobrevivência. As crises externas e internas nos obrigavam a gestões emergenciais, sem nos ajudarmos uns aos outros e quase sempre ao reboque dos acontecimentos. Períodos eleitorais que se sucederam deram pouca ênfase a projetos estratégicos, pois o foco era apagar o incêndio. Nossos políticos, regra geral, e porque não dizer alguns empresários, não dedicavam maior atenção ao quadro internacional e suas repercussões sobre o país, preocupados que estavam em olhar sua própria casa e proteção do mercado interno.

E como estamos agora?

Olhando primeiramente os aspectos financeiros, sublinharia que não temos as ameaças hiperinflacionárias do passado e, à exceção da Venezuela, nossas moedas parecem relativamente protegidas e vêm flutuando em função, principalmente, do comportamento do dólar nos mercados internacionais. No entanto, a valorização do dólar vinha provocando forte impacto nos preços internos. A política da taxa de juros que foi praticada pelo FED provocou uma valorização da moeda norte-americana. No entanto, no final de janeiro houve uma sensível mudança na política anteriormente anunciada. Indicaram maior cautela no aumento de juros, o que provocou um recuo da moeda norte-americana nos mercados mundiais e valorização das moedas nacionais.

Sobre pontos positivos, os processos democráticos continuaram se processando sem maiores distúrbios (novamente a Venezuela é uma conhecida exceção). Temos nos principais países liberdade de expressão, vários movimentos de busca de maior igualdade entre os gêneros, respeito pelas diversidades de raça, cor e orientação sexual. Sentimos aumentar a consciência sobre a proteção ao meio ambiente e reconhecimento de que precisamos continuar investindo maciçamente em saúde, em educação, de melhor qualidade e saneamento básico.

Os pontos negativos não são poucos. Nossas economias não vêm crescendo o suficiente para poder atender a políticas redistributivas. Com isso, as desigualdades sociais não diminuem como desejável, muito embora em alguns países, se perceba redução da pobreza.

Há descrença nos sistemas políticos e na sua representatividade, apesar de existir o reconhecimento de que, fora do sistema democrático não há soluções aceitáveis. Isso nos remete à questão do equilíbrio entre os 3 poderes e à prevalência da judicialização em alguns países, como é o nosso caso. No campo institucional, o combate à corrupção vem sofrendo alguns retrocessos e não parece ainda existir, em toda região, consciência plena que o respeito a normas éticas, aos direitos adquiridos e a obediência à lei sejam preceitos, que deveriam ser respeitados integralmente. No nosso país, o Ministro Moro apresentou ao Congresso um conjunto de medidas de combate à corrupção, narcotráfico e contrabando.

No campo político tivemos mudanças relevantes, e registro uma análise de alguns países de nossa região, destacando:

37 América Latina – onde estamos e para onde vamos

1. Assistimos uma guinada conservadora com vitórias de centro direita na eleição de Macri na Argentina e de Iván Duque na Colômbia e de Piñera no Chile; e de Jair Bolsonaro no Brasil.

2. O contraste foi López Obrador no México, que em sua terceira tentativa chegou à presidência, com uma proposta de centro-esquerda.

3. A chamada linha bolivariana está enfraquecida com a situação caótica da Venezuela e a crise na Nicarágua. O ex-presidente Rafael Correa está sendo processado pelo seu sucessor Lenín Moreno. O Equador, bem mais próximo dos valores da economia de mercado, enquanto Madura busca maior aproximação com a China e Rússia como tábua de salvação.

4. Macri, após um começo esfuziante, às voltas com problemas sérios com a situação financeira externa, e obrigado a pedir apoio ao FMI. Altas taxas de inflação e crescimento insatisfatório também estão presentes. O fator confiança está em jogo. Como no Brasil o tema corrupção está na ordem do dia, atingindo diretamente a ex-presidente Cristina Kirchner com mandado de prisão. As próximas eleições serão um grande teste.

5. O Peru, fortemente afetado pela Lava Jato, onde a presença da Odebrecht foi devastadora, enfrenta uma crise no judiciário no combate à corrupção. Tivemos a renúncia de Pedro Paulo Kuczynski e com dois presidentes ainda foragidos. O novo Presidente, Iván Duque, questionou o acordo com as FARC e se colocou numa posição agressiva contra seu antecessor Juan Manuel Santos. A economia vem tendo bom comportamento, e principalmente vários projetos de mineração em curso. É um dos países da região de maior crescimento.

6. O Paraguai, elegeu Mario Abdo Benítez que na região tem recebido representativos investimentos de brasileiros e argentinos e também com bom desempenho na economia.

7. O Uruguai enfrenta o delicado vínculo entre governo e Forças Armadas ao autorizar a busca os restos de presos políticos desaparecidos em quartéis. A tensão entre o governo e militares está presente desde que a Frente Ampla assumiu o poder, e pela primeira vez o governo esquerdista pretende alterar o sistema econômico das Forças Armadas. A iniciativa do projeto de reforma do sistema de previdência militar, que reduz privilégios do setor, reacendeu a tensão.

Há movimentos de grupos políticos no Uruguai favoráveis a uma guinada pró-direita, seguindo os passos dos países vizinhos. Sua economia é fortemente dependente das economias do Brasil e Argentina.

8. No Chile, Piñera enfrenta dificuldades devido a insatisfação que o crescimento não reduza as diferenças sociais e que o sistema previdenciário tenha que ser reformulado para diminuir desigualdades.

38

9. No México, López Obrador, independentemente dos problemas herdados do narcotráfico (segurança interna, crescimento insatisfatório e problemas migratórios), terá que estabelecer um 'modus operandi' com os Estados Unidos devido ao novo acordo Nafta que foi finalmente assinado no domingo, 30 de setembro, inclusive com a participação determinante do Canadá

que passa a se chamar USMCA, e que terá que ser sancionado pelo Congresso norte americano. O diálogo de Obrador com o setor empresarial e com os países da região, também é questão em aberto. No passado convivi com empresários e governantes que defendiam que o México deveria olhar mais para o sul em suas transações comerciais.

10. A situação da Venezuela agravou-se sensivelmente nos últimos meses e o desdobramento dessa interminável crise, que se arrasta por longo período, teve como evento importante a reunião do Grupo de Lima, que congrega os países da América Latina e que consideram que a eleição de Nicolas Maduro foi fraudada, e, portanto, não reconhecendo sua reeleição. Foi uma votação quase unânime, com uma exceção da posição do México.

11. Na sequência, os Estados Unidos, dentro de uma linha bem mais agressiva em relação a Nicolas Maduro, resolveu reconhecer Juan Guaidó, que havia sido destituído de seus poderes por uma assembleia constituinte, como Presidente interino da Venezuela, no que foi seguido pela maioria dos países do Grupo de Lima, além do Parlamento Europeu. No total 24 países reconheceram Juan Guaidó como Presidente, e também com o apoio da OEA.

Alguns países europeus, por seu turno, estão querendo que Maduro convoque rapidamente novas eleições, tendo lhe conferido um prazo que já se esgotou.

Ainda, ampliando o cerco ao governo venezuelano, os Estados Unidos anunciaram medidas fortes contra a petrolífera venezuelana PDVSA. Uma cartada de muito peso.

Na nossa região a pressão maior vem do Brasil, Colômbia e Argentina. Não sei se foi uma surpresa que a Rússia e China viessem a dar apoio a Maduro. Particularmente, a posição do chanceler russo Sergey Lavrov foi extremamente agressiva contra a posição liderada pelos Estados Unidos. Isso me fez lembrar da famosa frase de nosso grande craque Garrincha, que quando o Vicente Feola falava de uma estratégia do próximo jogo contra os soviéticos, ele candidamente perguntou: “Combinaram com os russos?”.

Essa posição de duas potências, Rússia e China, se opondo à posição norte-americana, coloca em debate que o tema Venezuela possa ultrapassar os limites de um problema exclusivo da América Latina. No que nos toca, convém não esquecer que a disputa comercial Estados Unidos X China nos atinge indiretamente e também, que os interesses chineses no Brasil e na região são extremamente relevantes.

Nesse complexo tabuleiro do jogo de poder, ficamos com a sensação que a Venezuela está sendo um excelente pretexto para que os Estados Unidos reafirmem na região seus interesses e influên

39América Latina – onde estamos e para onde vamos

cia política, ameaçados pelos chineses, que numa posição estratégica, vem ocupando um espaço cada vez maior na região, seja como investidores ou em financiamentos.

A pressão continuará se ampliando e seu desfecho não é previsível, mesmo com a deterioração venezuelana sob todos os aspectos econômicos, políticos e sociais. Nessa situação, surpreende que Maduro ainda mantenha um certo nível de apoio popular.

A variável importante continua sendo o apoio dos militares, muito embora tenham sido percebidas algumas fissuras nesse apoio. Maduro deixou claro ser contra a convocação de novas eleições. Os Estados Unidos devem ter pensado muito antes de dar as cartadas que fizeram, e de qualquer forma a situação da Venezuela é crítica. Uma solução negociada seria a melhor solução. Porém, quando escrevi esse comentário parecia distante.

Muitos quilômetros de fronteira com a Venezuela, os interesses empresariais de diferentes grupos brasileiros, uma dívida vencida, além de problemas migratórios, nos atinge diretamente. Isso sem mencionar um possível conflito armado que teria sérias implicações.

Finalizando, e o futuro da América Latina? Não querendo falar em causa própria, o comportamento do Brasil será determinante para o futuro da região.

Até agora o Ministro das Relações Exteriores tem dado indicações claras de substanciais mudanças no Itamaraty e na nossa política externa. O que vimos indiretamente após sua posse foi um entrosamento com os EUA no que toca ao governo Maduro. Como disse, uma cartada

peçoal e institucional muito diferente das posições cautelosas e prudentes que caracterizam a política do Itamaraty.

Alguns aspectos no discurso do novo Ministro foram lidos positivamente, como por exemplo, uma maior abertura do Itamaraty; uma postura internacional mais de acordo com nosso porte e no que toca ao Mercosul, a de subscrever a visão de uma revisão para ajustar-se às novas realidades internacionais.

Independente do nosso desempenho, não vemos grandes transformações da América Latina no contexto mundial. Continuaremos sendo um ator de menor relevância nesse complexo cenário que estamos passando e que nada faz crer que tenhamos transformações profundas no curto e médio prazo. É necessário lutar para que tenhamos espaço no contexto global e que não sejamos um ator secundário, visto exclusivamente pela relevância de nossas reservas estratégicas.